



ACADEMIA RIBEIRÃO PRETANA DE LETRAS - ARL

www.jperegrino.com.br

Ribeirão Preto - SP - Ano III - Nº 11 - Dezembro/2004

57º. ANIVERSÁRIO DA ARL



Momentos do almoço de aniversário da ARL

No último dia 23 de outubro, os membros da ARL - Academia Ribeirão Pretana de Letras e da ARE - Academia Ribeirão Pretana de Educação, reuniram-se no restaurante Fazenda de Minas para comemorar os 57 do sodalício.

Na oportunidade, muitas homenagens foram prestadas, num ambiente de descontração e confraternização, contando, inclusive, com declamações de poemas por parte das acadêmicas Maria Lúcia Cardoso e Nilva Mariani.

O presidente Tórtoro aproveitou o momento para agradecer aos proprietários do Fazenda de Minas por ter acolhido a ARL em suas reuniões ordinárias durante longo período e também lembrou os colegas falecidos recentemente: Wilson Roveri e Dr Luis Carlos Raya.

AMBIVALÊNCIA

Antônio Ruffino Netto (*)

Condição: sem conflitos querer ao mesmo tempo o novo e o velho, aspirar pela mudança preservando entretanto a continuidade, viver na ambivalência sonho realidade.

(*) Membro da ARL, ARE e Flamboyant.

Sodalitium é um termo latino que significa: convivência, sociedade, conversação. Então, quem não quer essa convivência já foi excluído por si próprio de um sodalício.

A ARL - Academia Ribeirão Pretana de Letras é um sodalício e, como tal, precisa ter sócio, que, em latim, é "sodalis". Quanto à "vitaliciedade da vida acadêmica", ela pressupõe que o acadêmico viva a vida acadêmica, pois, se nenhum dos acadêmicos viver a vida acadêmica, a academia desaparece e, se isso acontecer, onde fica a "vitaliciedade acadêmica" de uma academia inexistente?

Sendo assim, a ARL, até o final do ano, estará recebendo dois neo-acadêmicos, que se esperamos sejam também "sodalis", ou seja, participantes ativos dos trabalhos realizados por nosso sodalício, o qual estará completando em outubro, 57 anos de existência.

Muitas e fortes foram as perdas nesses últimos tempos: Dr Ruy Escorel Ferreira Santos, Theodoro

SODALITIUM

Antônio Carlos Tórtoro (*)

José Papa e Dr Wilson Roveri, somente para mencionar as mais recentes.

Agora, até o final de 2004, quatro novos nomes virão se somar aos daqueles que procuram manter viva a chama dos ideais literários de um grupo de jovens que, em 1957, plantou a semente do que hoje representa nosso sodalício: Dr Carlos Roberto Caliento (posse na Cadeira nº. 26 no dia 01/10/04), Dr Edevard de Souza Pereira (posse na Cadeira nº. 16 no dia 26/11/04), e os Membros Honorários, Dr Jubayr Ubyrantan Bispo (Jornal "O Diário") e Vera Lúcia Moquenco de Figueiredo (Jornal "A Cidade").

O título de Membro Honorário é oferecido a pessoas que, de alguma forma, colaboraram para a divulgação das atividades acadêmicas e, quais mecenas do século XXI, com sensibilidade apurada, conseguem entender a importância da cultura no mundo atual e na formação da comunidade em que se insere.

O Dr Caliento, "em seus poemas e crônicas, apresenta sua visão de mundo e envolve o leitor com narrativa segura e bem direcionada. É claro e apresenta convicção indispensável ao escritor que oferece sugestões de conduta e de caminhos a serem percorridos", segundo a acadêmica Dra. Fernanda Castelo Moço Ripamonte. O Dr Edevard "tem sensibilidade para manejar o verbo como expressão sincera das mais profundas emoções, transportando-nos, através de seus versos, ao mundo sublime das sensações" segundo a acadêmica Dra. Rosa Maria Britto Cosenza de Oliveira.

Enfim, ambos são dignos de ocupar uma Cadeira na ARL, e seus nomes só poderão honrar essa academia que queremos seja sempre um local em que se viva, sempre e fundamentalmente, o verdadeiro "sodalitium".

(*) Presidente da ARL e ARE

AMOR

Antônio Ruffino Netto (*)

E então quando eu digo "te amo" muitos significados afloram: calor, alegria, fantasia aventura, euforia vida, acalento afeto, ternura simultaneamente elevam para o sideral espaço espiritualidade e fazem pisar/viver/sentir a terra materialidade experiência de plenitude totalidade.

(*) Membro da ARL, ARE e Flamboyant.

DEFINITIVAMENTE

Rita Mourão (*)

Vivi sem sentir o dia, dormi sem questionar o silêncio da noite, obscuro silêncio com açoites milenares. Chegada e partida, indecifrável vida que sufoca cais e mares, vácuo imenso entre o ser e o não ser, entre o atracar e o navegar. Vou, bebendo o rugido das ondas, vencendo distâncias, acumulando lembranças.

(*) Membro da ARL, ARE, Flamboyant e CPERP

No permeio de cada espaço abre uma dor recente que esfolia minha alma desarmada diante do nada que fui e sou. A vida é definitivamente uma espera vã, uma ida para não sei onde, um instante único que se esconde sobre as dobras do ontem. E quando percebo que o futuro é agora, já existe esse cárcere!

www.paraler.com.br

Ribeirão Shopping

PARALER
L I V R A R I A S
Papeleria - Livros - Café - Cd's - Informática
623.4909 / 610.0379 / 610.9595 / 3342 5299



Tel.: 621 6442 / 623 7120

Homeopatia, Produtos Naturais, Medicamentos, Fórmulas, Produtos Dietéticos, Florais.

Sob responsabilidade técnica da Dra. Maria Regina Pavanelli, farmacêutica com experiência de 17 anos em homeopatia e manipulação de fórmulas

Fácil Estacionamento - Entregas em domicilio

e-mail: homeofenix@uol.com.br

R Newton Stilac Leal, 70/74 Jd. Irajá - Rib. Preto - SP
Continuação da Av Leais Paulistas esquina c/ Galileu Galiei

HELP

Nilva Mariani (*)

“Última flor do Lácio inculca e bela.” Foi assim que Olavo Bilac chamou a língua portuguesa. E, agora, ela está morrendo.

Bela é e muito. Uma das mais bonitas e ricas do mundo. Acho que o adjetivo inculca cabe mais ao povo de quem a língua é materna, pois não reconhece a sua beleza e parece que tem até vergonha de usá-la, substituindo-a, às vezes, canhestamente e com erros, pela língua inglesa, menos bela e mais pobre que a nossa, embora a mais falada do planeta.

O brasileiro, que mal sabe a sua língua, pois fala mal e escreve mal, atualmente faz uso do inglês de forma abusiva e tão ridícula a maioria das vezes que fico pensando se é complexo de colônia (só mudou a matriz), de inferioridade, tentando compensação, se é esnobismo, ou o quê, afinal?

Basta sair à rua para ver, por exemplo, as propagandas: 30% off, for sale, aqui pizza e sanduíche delivery; show room ao lado; tome Power Up; siga a Diet Way... E me pergunto se toda a gente que sai às compras sabe o significado de cada expressão.

Aqui em Ribeirão, interior do Estado, como fazem questão de frisar os repórteres de São Paulo e do Rio, temos Green Planet, onde se ensina futebol bem brasileiro e outros esportes; a American Beverage, que fabrica as badaladas cervejas nacionais; um clube Magic Gardens; um Splash Park... e todos os restaurantes, praticamente, e um sem número de serviços que não mais entregam em domicílio, mas são delivery.

A mania de batizar tudo com nomes ingleses se estende também aos prédios, como o New Century e o Center Plaza, por exemplo. Aliás, em matéria de edifícios, coletei algumas preciosidades na Folha de São Paulo, de propagandas de imóveis. Vejam o que dizem de um prédio em São Paulo: play ground com half pipe, home theater, bar integrado ao spa e fitness, fitness center, salão de jogos, piscina aquecida, lounge, salão de festas e cozinha gourmet, lobby com pé direito duplo decorado, loft com 1 e 2 dormitórios. É ridículo, mas está assim mesmo no jornal, com essa mistura de línguas. Outra propaganda: one floor, double floor, lazer & fitness, palmeiras cariocas e eco-design.

Anotei ainda outras maravilhas: Summerville Beach, Blue Tree Park, Green Valery, NewPlace of Business,

Office Park, Convention Center, Retails Serviços, Meeting Room, Health Club com personal trainer, Hype Jardins com espaço gourmet para um casual dinner, segurança full time...também há resorts pelo país inteiro, spas e international business hotels.

Há algum tempo, usava-se uma ou outra palavra ou expressão em inglês, como se usou em francês, no século XIX, língua que era praticamente obrigatória a toda pessoa que se considerasse culta. Isso era bonito, elegante até, mas esse emprego exagerado do inglês, misturado com outras línguas, já passou de ridículo!

Um leitor da Folha comentou que mais de 80% dos imóveis têm nome em inglês, francês ou italiano e estão situados em ruas com nomes bem brasileiros e até indígenas. Sem comentários... Por falar em Folha, ela também gosta de “inovar”, tem Folha Teen e, quem sabe, a Folhinha vira Folha Kids.

Se os brasileiros querem esnobar, mostrando que são políglotas, deveriam considerar um pouco a realidade cultural do Brasil: as reprovações de gente titulada, nos mais diversos concursos, formada pelas faculdades e centros universitários abundantes no país, já nem escandalizam mais, só confirmam o que todos já sabem;

nem a classe mais favorecida economicamente pode se vangloriar de muito culta. Pode até saber bem o inglês, mas a língua pátria e a cultura geral? A cada ano o nível dos alunos que ingressam nas faculdades está mais baixo. Esse é o nosso lifestyle.

Quando Júlio César conquistava uma região, impunha sua língua aos povos conquistados. Da mistura do latim com o falar de cada povo nasceram as línguas neolatinas, entre as quais o português. Agora ela se mistura à língua de outro “conquistador”. E qual será o resultado?

Enquanto estivermos falando português, estaremos mantendo a unidade nacional. É hora de salvar a “última flor do Lácio”, que continua bela, apesar de mal amada e mal estudada. Parece que alguns professores já estão se organizando nesse sentido. Tomara!

Como coloquei o título em inglês, vou encerrar o artigo em inglês também, só para não dizerem que sou “demodée”: Merry Christmas and Happy New Year! So-long.

(*) Membro da ARL – Academia Ribeirãoopretana de Letra, ARE – Academia Ribeirãoopretana de Educação e OVJRP – Ordem dos Velhos Jornalistas de Ribeirão Preto.

O BURRO

Rita Mourão (*)

Era um dia de trabalho como um outro qualquer, mas algo incontrolável deixava expostas as minhas vísceras, que recebiam de frente os efeitos dos mais leves acontecimentos. Alguma coisa intranquila remoia minha resistência. E dentro de mim sangrava.

Entrei no ônibus que seguiu rangente pela avenida. Estava, como sempre, apinhado de passageiros que disputavam um lugar no corredor, já que os bancos estavam todos tomados.

Não sei como e nem por que meus olhos viam além do rosto de cada pessoa. Dentro de mim um receptor de imagens captava os problemas de cada um, abafados sobre a pele das aparências. E a piedade cada vez mais me sufocava.

Tive pena da moça aparentemente feliz. Vi, no sorriso

superficial da velhinha, uma resignada aceitação de contagem regressiva e, sucessivamente, eu ia lendo as muitas frustrações que cada um, a seu modo, tentava dissimular.

O ônibus se arrastava vacilante e barulhento. Inquieta, olhei a rua. Foi quando vi o burro. Estava ali entre a calçada e a avenida e, ao menor deslize, seria massacrado pelos possantes veículos que apressados dominavam o espaço.

Parecia calmo, conformado com sua condição de burro. Não olhava ninguém e ninguém se preocupava com ele. Estava preso a um poste, cabisbaixo, impenetrável. No lombo sustentava a desajeitada carroça. Submisso. Tinha que aceitar a pesada carga, sofrer fustigações do chicote sem o auxílio da sua raça. Era simplesmente um burro, adestrado para puxar carroças, sem

direito a greve, sem remuneração. Era um burro como tantos outros da sua espécie, recebendo em troca do penoso trabalho apenas a ração diária. Isso bastava para sua cabeça de burro, que desde muito cedo fora condicionada à submissão.

As divagações se sucediam na medida em que o burro se distanciava. Agora eu via claramente a peça que represento no jogo da vida, onde mais do que viver é preciso abrir caminhos.

Desci do ônibus num gesto que não era meu. Algo diferente se arrebatara dentro de mim e senti em meus ombros o peso do mundo. Exausta e apreensiva terminava o meu dia de trabalho. Abri a cancela do meu espaço e avancei firme, confiante na minha capacidade humana.

Antes de me deitar soprei a densa fumaça das frustrações e acendi a flama de uma estrela, que com certeza, iluminará os cantos onde o grito de justiça ainda ecoa obscuro.

E no silêncio da noite descobri que, racional e responsável por suas escolhas, o homem carrega nas mãos a chave do seu destino.

(*) Membro da ARL, ARE, Flamboyant e CPERP



Momentos do almoço de aniversário da ARL

605-7547 ASSOCIE-SE

ACI RP

Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto

Fazendo do ser, humano.

Educação Infantil Ensino Fundamental Ensino Médio

ANCHIETA OBJETIVO

www.anchieta-rp.com.br 623.3301

LEMBRANDO OSWALD DE ANDRADE

Alfredo Palermo (*)

“Minha terra tem palmares / Onde gorjeia o mar / Os passarinhos aqui / Não cantam como lá...” (Canto do Regresso à Pátria – Oswald de Andrade)

Quando comentamos a revolução literária do Brasil, representada pela Semana da Arte Moderna, promovida em 1922 por grupo de intelectuais de São Paulo, pomos sempre em relevo a figura de Mário de Andrade, notável homem de letras, que se projetou no País pela sua liderança cultural e por ser espírito marcadamente renovador. Ao lado de Mário de Andrade, foram sempre mencionados vários outros nomes como Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, todos escritores; mais Portinari e Tarsila do Amaral, pintores; Brecheret, escultor; Villa-Lobos, músico. E muitas outras personalidades de outras áreas, seduzidas pela sublevação modernizadora das letras, se aliaram às reformas, prenunciadoras de novas possibilidades criadoras do pensamento e da sensibilidade artística.

Há hoje uma considerável riqueza bibliográfica sobre o movimento renovador da Semana, mas se pode verificar que a figura solar de Mário de Andrade predomina na maioria dos estudos. E isso, aliás, é justo e necessário. No entanto, raramente se vai às origens desses estudos. Por isso, me parece justo dizer alguma coisa sobre um escritor que se agitou e, de certa forma, se antecipou à famosa Semana: Oswald de Andrade.

O Professor Antonio Cândido sublinhou que a poesia modernista ganhava independência, pois se caracterizava principalmente pelo verso livre, sem rima e sem metro, sem desconsiderar, como na obra de Augusto Frederico Schmidt, a forma métrica tradicional. A novidade mostrava que no verso livre o ritmo exterior era substituído pelo ritmo interior. Oswald de Andrade, no livro Pau Brasil, poetisa:

3DEMAIO

Aprendi com meu filho de dez anos

Que a poesia é a descoberta
Das coisas que eu nunca vi.

Carlos Drummond de Andrade poetou assim:

SONETO DA PERDIDA ESPERANÇA

Perdi o bonde e a esperança
Volto pálido para casa.
A rua é inútil e nenhum auto
Passaria sobre o meu corpo...

No dia 22 de outubro passado, os jornais registraram o 50º aniversário de morte de Oswald de Andrade, o vate de muitas venturas, viagens e polêmicas. Antônio Cândido lembra que Oswald viajou pela Europa, 1911 e 1912, aí conheceu Marinetti e a rebelião do modernismo, brigou com Monteiro Lobato por causa de um trabalho de Tarsila, conheceu Mário de Andrade e o revelou ao público, abrindo a luta. Escreveu alguns romances e sua inspiração brasileira deu-nos Paul Brasil, Primeiro caderno do aluno de poesia, seguido do Manifesto Antropófago e outras obras. Este Manifesto tinha idéias comunistas. Leia-se este pensamento significativo: “Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. Tupi or not tupi is the question.”

Alguns pequenos trechos revelam o poeta:

FIMECOMEÇO

A noite caiu sem licença da
Câmara
Se a noite não caísse
Que seria dos lampiões?

DITIRAMBO

Meu amor me ensinou a ser
simples
Como um largo de igreja
Onde não há nem um sino
Nem um lápis
Nem uma sensualidade...

Leiamos Oswald de Andrade. Sua poesia tem doçura e simplicidade. E revela muito do Brasil que já trazia muita ansiedade por fazer parte dos concertos das nações modernas.

(*) Membro da ARL – Academia
Ribeirão-pretana de Letras.

AMOR E JUSTIÇA

Autor Desconhecido (*)

Houve, séculos atrás, uma tribo cujo chefe era tido como superior aos chefes de todas as demais tribos. Naquela época, a superioridade era medida pela força física. Assim, a tribo mais poderosa era a que tinha o chefe mais forte.

Mas o chefe de que estamos falando não tinha somente força física. Ele era também conhecido por sua sabedoria. Desejando que o povo vivesse em segurança, ele criou leis abrangendo todos os aspectos da vida tribal. Eram leis severas que ele, como juiz imparcial, fazia cumprir com rigor.

Certa feita, problemas começaram a acontecer na tribo. Alguém estava cometendo pequenos furtos. O chefe reuniu a tribo e com tristeza no olhar, frisou que as leis tinham sido feitas para os proteger, para os ajudar. Como todos tinham o de que necessitavam para viver, não havia necessidade de ocorrerem furtos. Assim, ele estabeleceu que o responsável teria o castigo habitual aumentado de 10 para 20 chibatadas.

Os furtos, entretanto, continuaram. Ele voltou a reunir o grupo e aumentou o castigo para 30 chibatadas. Mas os furtos não cessaram. “Por favor”, pediu o chefe, “estou suplicando. Para o bem de todos, precisam parar os furtos. Eles estão causando sofrimento entre nós.” E aumentou o castigo para 40 chibatadas.

Naquele dia, os que estavam próximos dele, viram que uma lágrima escorreu pela sua face, quando ele dispersou o grupo. Finalmente, um homem veio dizer que tinha identificado o autor dos furtos. A notícia se espalhou e todos se reuniram para ver quem era. Um murmúrio de espanto percorreu a pequena multidão, quando a pessoa foi trazida por dois guardas. A face do chefe empalideceu de susto e sofrimento. Era sua mãe. Uma senhora idosa e frágil.

“E agora?”, perguntou o povo em voz alta. Todos começaram a se questionar se o chefe seria, ainda assim, imparcial. Será que ele faria cumprir a lei? Seria o amor por sua mãe capaz de impedir de cumprir o que ele mesmo estabelecera? Notava-se a luta íntima do chefe que, por fim, falou: “Meu amado povo. Faça isso pela nossa segurança e pela nossa paz. As 40 chibatadas devem ser aplicadas,

porque o sofrimento que este delíto nos causou foi grande demais.”

Acenou com a cabeça e os guardas fizeram sua mãe dar um passo à frente. Um deles retirou o manto dela, deixando à mostra as costas ossudas e arqueadas. O carrasco, armado de chicote, se aproximou e começou a desenrolar o seu instrumento de punição.

Nesse momento, o chefe deu um passo à frente. Retirou o seu manto e todos puderam ver seus ombros largos, bronzeados e firmes. Com muito carinho, ele passou os braços ao redor de sua querida mãe, protegendo-a, por inteiro, com o próprio corpo. Ele encostou o seu rosto ao da mãe e misturou as suas com as lágrimas dela. Murmurou-lhe algo ao ouvido e então, fez um sinal afirmativo para o encarregado. O homem se aproximou e desferiu, nos ombros fortes e vigorosos do chefe da tribo uma chibatada, após outra, até completar exatamente 40.

Foi um momento inesquecível para toda a tribo que aprendeu, naquele dia, como se podem harmonizar com perfeição, o amor e a justiça.

(*) Extraído do site “Momentos de Reflexão” e publicado aqui por encerrar grande sabedoria sobre tema tão caro a todos os homens.

INÍCIO

Rita Mourão (*)

Na frente do casarão o ipê florido.
Na sala as surradas malas
e indecisos passos desfazem
laços.
Abraçou o vento, rasgou
sentimentos e partiu.

(*) Membro da ARL, ARE,
Flamboyant e CPERP



Momentos do almoço de
aniversário da ARL

SABORSAÚDE
cestas de alimentos orgânicos

Monte sua cesta com sabor saúde.
Entregamos em sua residência.
Produtos certificados.
100 % Orgânicos.

Delivery (16) Egberto 9113 - 8799
Marcela 9119 - 4799

e-mail: cestasaborsaude@yahoo.com.br

MOREIRA & MOREIRA
CONTABILIDADE

moreira.contabil@terra.com.br

Tels.:
(16) 627.5837 - 618.2791
Fax: (16) 618.5270

Contabilidade em Geral
Abertura e Encerramento
de Empresas
Imposto de Renda
Pessoa Física
Totalmente Informatizado

Rua Antonio Mondí, 82 - Jd. Iguatemi - Ribeirão Preto- SP

PRIMAVERA SEM RAYA

Antônio Carlos Tórtoro (*)

“Já se passaram quatro décadas e alguns anos desde que aportei em Ribeirão Preto, vindo da minha saudosa Rio Claro com a cara, a coragem, a vontade de estudar medicina e a companhia protetora e amiga de meu pai”. (Luís Carlos Raya)

Antes que mais um equinócio da primavera chegasse, um amigo se despediu de mim: foi num sábado, dia 18 de setembro, enquanto uma nuvem poluente tomava conta de Ribeirão Preto pressagiando a tristeza que viria tomar conta de mim e de muitas outras pessoas, num final de tarde em que um temporal varreu de forma abrupta e imprevisível nossa cidade. Recebi a notícia do falecimento do Dr. Raya por volta das 18 horas, pela TV.

Meu pai sempre disse que, quando menino, morava numa casa com muitas jabuticabeiras, e que meu avô, seu pai, nos últimos dias de vida, via seres espirituais entre os pés de jabuticaba: e isso, de forma irracional, levou-me à superstição de que sonhar com jabuticaba é presságio de morte.

No dia em que Raya nos deixou, pouco antes do almoço, quando eu e minha esposa chegávamos ao Clube de Regatas, lembrei-me de um sonho que tive na noite anterior, e comentei com ela que esse sonho me fazia pressentir a morte de um ente querido: sonhei com uma jabuticabeira repleta de frutos enormes, negros, lustrosos. A Academia Ribeirão-Oporetana de Letra despedia-se de um de seus ex-presidentes (1984 a 1995) e membro dos mais ilustres.

Acadêmico desde 1981 nasceu em Rio Claro, em 20 de novembro de 1934. Doutor em Medicina, Pediatra, Secretário da Saúde, o Dr. Luís Carlos Raya, era um homem de cultura invejável e de moral ilibada. É autor dos livros “Da Infância à Adolescência – Da Teoria à Prática” e “Educação: Caminho para a Liberdade”.



Momentos do almoço de aniversário da ARL

Diretor Clínico e Docente de Ética Médica e Bioética de Medicina do Centro Universitário “Barão de Mauá” e Presidente do Conselho Deliberativo do Centro Médico de Ribeirão Preto, estivemos em vida, pela última vez, à mesa, ao meu lado, na solenidade de posse dos seis primeiros membros da Academia Ribeirão-Oporetana de Educação. Na ocasião, o Dr. Raya, exímio orador — representando o Prefeito Municipal, Gilberto Maggioni — discorreu, de forma contudente e emocionada, sobre o binômio de que mais gostava: segundo ele, as irmãs siamesas Saúde e Educação.

Quando tomei posse na ARL, em março de 1994, o presidente era o Dr. Raya, e, ainda hoje, guardo na minha lembrança a imagem daquele homem sério, mas incrivelmente amável e educado, que me recebeu quando de minha primeira participação em uma reunião ordinária, na sala cedida pela QESC, na Tibiriçá, 50.

Mas lembro-me, também, dos diversos momentos em que, descontraído, com um sorriso malicioso, e um rubor tomando conta de seu rosto, ele fazia uso da palavra e contava uma piada, ou um caso qualquer divertido e pitoresco: mas suas intervenções eram sempre muito ponderadas, suas palestras eram sempre enriquecedoras, seu amor ao próximo fazia dele um espírito exemplar. Sua postura ética sempre foi marca que lhe deu uma aura de respeito e confiabilidade que o levou a merecer a admiração de todos que puderam ter a honra de conhecê-lo e com ele conviver.

Na ARL é tempo de jabuticabas. A número oito é mais uma Cadeira que está vazia: seu ocupante viu chegar a primavera de 2004, com absoluta certeza, nas mãos protetoras do Pai.

(*) Presidente da ARL e ARE.

VIDA

Rita Mourão (*)

Caminhos incertos,
desertos em fogo,
batalha de um jogo sem vencedor.
Sangrantes passos arrastam a vida.
E no depósito do tempo
cacos de ilusões perdidas.

(*) Membro da ARL, ARE,
Flamboyant e CPERP

A MONTANHA DOURADA DE WILSON SALGADO

Rita Mourão (*)

Ler “A Montanha Dourada” de Wilson Salgado, (Ed. Villimpress), é saborear passo a passo o caminho percorrido por aqueles que deixaram aos seus sucessores o exemplo das lutas em prol de um mundo mais digno, sustentado por mentes perscrutadoras, solidárias, que se propuseram cultivar a sabedoria.

Tércio, personagem principal, conhecedor profundo da história humana, sai em busca da sua almejada perfeição e sabe que terá de enfrentar sozinho os obstáculos. É nas lições diárias, nas perdas e nas conquistas, que a vida vai deixando escorrer seus ensinamentos.

No sopé da montanha dourada, o personagem reflete extasiado e estimulado pelas lições e conselhos do avô, inicia a incógnita caminhada que o levará aos cenários da história de mitos, filósofos e pensadores. Revendo os velhos ensinamentos dos grandes homens que marcaram a trajetória da humanidade, Tércio colhe as orientações necessárias para alcançar a almejada perfeição. Nessa regressão histórica ele vive várias aventuras, a começar por uma viagem pelos mares ao lado de Ulisses, o grande mito da guerra de Tróia. Quando Tércio se despede de Ulisses, leva com ele essas sábias palavras do destemido guerreiro: “Tome cuidado se você não quiser ser joguete dos ventos”. (pág. 49, 3º parágrafo). Não, ele não se dobraria diante dos perigos.

Sucessivamente Tércio conversa com Dédalo, Ícaro e muitos outros mitos que deixaram as suas histórias nas páginas do longínquo passado. Em cada encontro, em cada diálogo, Tércio recebe lições de vida que põe

em prática nos momentos de grandes decisões. Ajuda? Somente nas horas em que suas forças já não venciam os turbilhões das ameaças. Lutará sozinho como os grandes mestres e alcançará a chama que fará brilhar dentro de si a luz do saber supremo. Revendo as lições de Proust, ele sabe que a sabedoria não é algo que se aprende, mas sim, algo que se conquista depois de uma longa e penosa caminhada. E prossegue a sua busca, enfrentando perigos, adquirindo conhecimentos espirituais, até sentir emanar do seu corpo inteiro uma luz de incomparável brilho. Enfim, alcançara a quase perfeição da alma que o levava à quase felicidade plena.

Eis aí um grande livro para ser lido e meditado sobre todos os aspectos que podem levar o ser humano a se aproximar da perfeição, pregada e exemplificada por Deus feito homem, o único ser perfeito. Em cada página do romance, há um ensinamento, uma luz que aviva o coração do leitor sobre o questionamento da sua postura diante da vida. A sabedoria vem de dentro. É a alma que resplandece e ilumina os caminhos dos sábios, os recantos que ensombream a procurada felicidade.

Portanto, caro leitor, ler Wilson Salgado é fazer um profundo retorno na história humana, e, de lá, voltar reabastecido dos valores e conceitos que podem levar o homem a conquistar uma sabedoria capaz de mediar conflitos e instaurar na Terra uma paz perene.

(*) Membro da ARL, ARE,
Flamboyant e CPERP

ALGUMA COISA PARA SEMPRE...

Antônio Ruffino Netto (*)

Tudo flui:
meu/teu corpo
meus/teus pensamentos
meus/teus sentimentos
nossos encontros/desencontros
nossas construções/implosões
nossas utopias/desilusões.
Amanhã diferente do hoje
que distinto já foi do ontem
para o sabor de nossas vidas

que o viver engrandece.
Neste cenário de total alteração das coisas só uma delas não muda, permanece mesmo uma única coisa sendo, inspira confiança ela não é um vir-a-ser, sempre é... será a esperança de mudanças.

(*) Membro da ARL, ARE e Flamboyant.

www.thertulia.com.br

THE TÚLIA
ESPAÇO CULTURAL

Livros Filmes Internet Café

Rua João Penteado, 1721 - (16) 3931 2240 - Rib. Preto - SP

DROGARIA PORTUGAL

Entregas e aplicações em domicilio

(16) 623 5648
621 8575

Recebemos contas de Luz e Telefone

AV. PORTUGAL, 1720 - RIBEIRÃO PRETO - SP